

## APRESENTAÇÃO

Após ter passado a prova de sobreviver durante seis anos (1986-91), mesmo com diversas dificuldades que não é oportuno analisar neste momento, a revista *Vitalle*, que abrange uma vasta área que inclui as Ciências Médicas e Biológicas, está se preparando para iniciar um novo período de sua existência, a partir deste ano de 1994.

O novo Comitê Editorial vem procurando melhorar alguns aspectos da sua estrutura, com a finalidade de apresentar as atividades científicas dos seis Departamentos que compõem a área da Saúde e da Biologia.

Por último, o dito Comitê acredita que a existência desta revista em nossa comunidade científica é uma necessidade que não pode ser adiada, já que é através dela que vão se verter as inquietudes científicas de um setor importante de nossa Universidade, e, como resultado dessas atividades de pesquisa, ajudar que nossa Casa de Estudo seja conhecida no âmbito nacional.

## EDITORIAL

### **PESQUISA NA UNIVERSIDADE: UMA FERRAMENTA NA FORMAÇÃO DO RECURSO HUMANO**

Ao falar-se em política universitária, invariavelmente procuram-se meios e argumentos para dar sentido à tríade ensino-pesquisa-extensão. A importância que tem a pesquisa na Universidade e como parte dessa tríade é inegável. Os esforços no sentido de atingir-se tal reconhecimento acabaram por atribuir-lhe um status de importância maior do que as duas outras atividades universitárias, o ensino e a extensão. Não queremos aqui abrir qualquer tipo de discussão que gire em torno de prioridade ou de importâncias. Não estamos propondo traçar comparações. No entanto, inegavelmente, a atividade primária da Universidade é a de ensino. Daí a necessidade de se discutir sobre qual o papel da pesquisa no meio universitário.

As composições que procuram ligar pesquisa-ensino-extensão na formulação de políticas, filosofias etc. são inúmeras. Aí, via de regra, temos visto definições que não contemplam o significado dessa atividade na formação do aluno. Há, portanto, de se considerar na prática como tem sido essa relação. Lógico está que consideramos aqui ensino na sua forma mais ampla, qual seja a formação integral do indivíduo para o exercício de uma profissão e para a vida. A verdadeira educação.

A prática da pesquisa pode abrir inúmeras janelas na capacitação do educando: o raciocínio lógico e científico, a disciplina, a criatividade, a capacidade de comunicar etc. Até mesmo outros aspectos como a capacidade de relacionamento interpessoal, a ética, a liderança podem ser experimentados no cotidiano da pesquisa. Já vai longe a imagem do cientista pesquisador ermitão, com o cabelo desfeito, alheio ao mundo que o rodeia, um ser estranho, enfim, figura própria hoje apenas de ilustrações de estórias infantis. Deve ser alguém integrado nos problemas de sua comunidade, capaz não somente de encontrar respostas às suas inquietações, mas especialmente de influir nas soluções dos problemas do seu meio.

Felizmente não temos hoje, pelo menos na maioria dos casos, as funções de professor e pesquisador como coisas distintas. As duas atividades são exercidas pelo mesmo profissional. Isso vem facilitar tanto a divulgação dos resultados como da importância desse exercício junto aos alunos. Ora, se a pesquisa é uma ferramenta assim tão útil, por que não usá-la com mais freqüência na formação dos recursos humanos dentro das universidades?

Muito já foi alcançado, mas a intimidade do universitário com a atividade de pesquisa desenvolvida pelos seus mestres ainda está longe de ser a regra geral. As instituições que têm tido a preocupação de criar condições para a pesquisa no seu meio precisam considerar também a necessidade de aproximar cada vez mais o aluno dessa atividade. Lógico está que os frutos da atividade só terão sentido se não acabarem na gaveta. Até mesmo para que o pesquisador (aluno ou professor) tenha a satisfação de ver seu esforço divulgado e principalmente discutido. Portanto, para que a pesquisa como instrumento educativo não tenha o triste fim aludido, novos e ágeis veículos de divulgação ou eventos dirigidos para tal finalidade devem ser apoiados e implementados.

Não cabem, portanto, por esse ponto de vista, discussões sobre importâncias maiores ou menores, prioridades etc. para esta ou aquela atividade. Cabe, isto sim, o entendimento de que, se há prioridade, é de que ferramentas como a pesquisa, coisa muito própria da universidade, estejam amplamente disponíveis ao elemento mais importante neste contexto - o aluno.